

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO
O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME



**UNIDOS
SOMOS UM**

**PITTACUS
LORE**

**UNIDOS
SOMOS UM**

UNIDOS SOMOS UM

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO SETE

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2016 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
United as One

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Taís Monteiro
Beatriz D'Oliveira

ARTE DE CAPA
© 2016 by Craig Shields

DESIGN DE CAPA
Ray Shappell

FOTO DO AUTOR
© Howard Huang

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira/Equatorium Design

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L864u

Lore, Pittacus

Unidos somos um / Pittacus Lore ; tradução Viviane Diniz.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

352p. : 23 cm. (Os Legados de Lorien)

Tradução de: United as One
Sequência de: O destino da Número Dez
ISBN 978-85-510-0080-9

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Diniz, Viviane. II.
Título. III. Série.

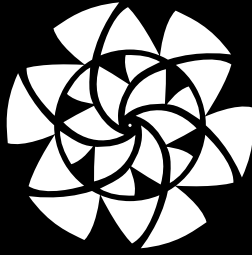
16-35677

CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

A GAROTA ESTÁ DIANTE DE UM PRECIPÍCIO ROCHOSO, OS DEDOS DOS PÉS curvados sobre a beirada. Um abismo escuro se abre à frente, e alguns seixos rolam sob seus pés e caem, desaparecendo lá no fundo, em meio às sombras.

Antes havia algo ali, uma torre, ou talvez um templo — a garota não lembra exatamente o quê. Ela olha para o buraco sem fundo e, de alguma forma, sabe que aquele lugar um dia já foi importante. Um lugar seguro.

Um santuário.

Ela quer se afastar do declive íngreme. É perigoso ficar ali, de frente para o nada. Ainda assim, não consegue se mover. Seus pés estão grudados no chão. Ela sente o solo rochoso cedendo e ruindo. O buraco está aumentando. Em pouco tempo, a beirada onde se equilibra vai desmoronar e ela cairá, engolida pela escuridão.

Seria mesmo algo ruim?

Sua cabeça dói. É uma dor distante, quase como se fosse em outra pessoa. Começa como um latejar fraco na testa, passa pelas têmporas e desce em direção à mandíbula. A menina imagina o crânio como um ovo rachando, as fissuras na casca se espalhando por toda a superfície. Esfrega o rosto e tenta se concentrar.

Ela se lembra vagamente de ter sido jogada no terreno rochoso. Várias e várias vezes, balançada pelo tornozelo por uma força poderosa demais para

ser repelida, a cabeça se chocando com brutalidade contra as rochas implacáveis. Mas é como se tivesse acontecido com outra pessoa. A lembrança, assim como a dor, parece distante.

Na escuridão, há paz. Ela não terá que se lembrar da surra que levou ou da dor que se seguiu, ou do que foi perdido quando aquele buraco sem fundo se escancarou na terra. Vai poder deixar tudo para trás de uma vez por todas. Basta permitir que seus pés deslizem e a façam cair.

Algo a impede. Uma certeza, bem lá no fundo, de que não deve fugir da dor, mas encará-la. Precisa continuar lutando.

Ela vê um clarão azul-cobalto, uma faísca solitária de luz. Seu coração dispara, e logo ela se lembra do que lutou para proteger e por que está tão ferida. A luz no início é só um pontinho, como se fosse uma estrela solitária no céu noturno. Mas logo o brilho se expande e se amplia, um cometa indo bem na direção da garota, que vacila à beira do abismo.

Logo ele flutua diante dela, brilhando como da última vez que o viu. O cabelo preto encaracolado é uma bagunça perfeita, os olhos verde-esmeralda estão fixos nela. O rapaz está exatamente como ela recorda. Ele sorri daquele jeito despreocupado e estende a mão.

— Está tudo bem, Marina. Você não precisa mais lutar.

Os músculos dela relaxam ao som da voz dele. O abismo que se estende abaixo já não parece tão ameaçador. Ela deixa um pé pender para a frente. A dor em sua cabeça parece ainda mais fraca. Mais distante.

— Isso — diz ele. — Venha para casa comigo.

Ela quase aceita sua mão. Mas algo está errado. Ela desvia o olhar dos olhos dele, do sorriso, e vê a cicatriz. Uma faixa grossa e inchada de pele arroxeadada que envolve o pescoço dele. Ela retrai o braço e quase cai.

— Isto não é real! — grita ela, encontrando sua voz.

A garota firma os pés no solo rochoso e se afasta.

Ela vê o sorriso do rapaz de cabelo encaracolado vacilar, transformando-se em algo maldoso e cruel, uma expressão que nunca vira no rosto dele.

— Se não é real, por que você não acorda? — pergunta ele.

Ela não sabe. Está presa ali, naquele lugar de transição, com o garoto de cabelo escuro — mas a pessoa à sua frente não é a mesma que Marina amou um dia. É o homem que a colocou ali, que a golpeou impiedosamente e destruiu aquele lugar que ela adorava. E agora está profanando suas lembranças. Ela o encara.

— Ah, mas eu vou acordar, seu desgraçado. E vou atrás de você.

Com os olhos brilhando, ele finge achar graça, mas ela vê que o rapaz está com raiva. O truque perverso não funcionou.

— Teria sido tão tranquilo, sua tola. Você poderia ter simplesmente deslizado para a escuridão. Eu estava lhe oferecendo misericórdia. — Ele começa a recuar para o abismo, deixando-a sozinha. Suas palavras flutuam na direção dela. — E tudo o que lhe aguarda é mais dor.

— Então, que seja — diz ela.



O garoto de um olho só está sentado em sua prisão de travesseiros. Ele se abraça, não por escolha; os braços estão presos em uma camisa de força. Entediado, fita as paredes brancas com seu único olho. Tudo é acolchoado e macio. Não há maçaneta na porta, muito menos uma maneira perceptível de escapar. Seu nariz coça, e ele enterra o rosto no ombro para esfregá-lo.

Quando ergue o olhar, há uma sombra na parede. Alguém está de pé atrás dele. O garoto caolho se encolhe quando duas mãos enormes apertam ligeiramente seus ombros. A voz grave soa junto ao seu ouvido.

— Eu poderia perdoá-lo — diz o visitante. — Seus fracassos, sua insubordinação. De certa forma, foi tudo culpa minha. Eu não deveria ter enviado você até aquelas pessoas, para começo de conversa. Nem lhe pedido para se infiltrar no grupo deles. Seria natural que você desenvolvesse certas... afinidades.

— Adorado Líder — fala o garoto em um tom debochado, tentando se livrar da camisa de força que o prende. — Você veio me salvar.

— Isso mesmo — confirma o homem, como um pai orgulhoso, ignorando o tom sarcástico do rapaz. — Podemos voltar a ser como antes. Como sempre lhe prometi. Poderíamos governar juntos. Veja o que fizeram com você,

como o tratam. Com o poder que você tem, deixar se trancar assim, como um animal...

— Eu caí no sono, não foi? — pergunta o caolho, sem emoção. — Isto é um sonho.

— Sim. Mas nossa reconciliação será muito real, meu rapaz. — As mãos fortes deixam os ombros do garoto. — Só quero uma coisinha em troca. Uma demonstração de lealdade. Basta me dizer onde os encontro. Onde encontro *você*. Meu povo... *nosso povo...* estará aí antes mesmo de você acordar. Eles vão libertá-lo e restaurar sua honra.

O garoto não dá atenção à proposta do homem. Ele sente a camisa de força afrouxar quando os fechos são abertos. Então se concentra e lembra que é um sonho.

— Você me jogou fora como se eu fosse lixo — diz o garoto. — Por que eu? Por que agora?

— Eu percebi que foi um erro — responde o homem, entredentes. É a primeira vez que o garoto o ouve se desculpar. — Você é minha mão direita. É forte.

O garoto bufa. Sabe que é uma mentira. O homem veio porque acha que o menino é fraco. Ele é manipulador. Procura fraquezas.

Mas tudo não passa de um sonho. O sonho do rapaz caolho. Isso significa que ele dita as regras.

— O que você me diz? — pergunta o homem, o hálito quente junto à orelha do menino. — Para onde o levaram?

— Eu não sei — responde o garoto, com honestidade. Ele não sabe onde fica aquela cela acolchoada. Os outros se certificaram de que ele não visse nada. — Quanto à... qual foi a palavra que você usou? Reconciliação? Tenho uma contraproposta, meu velho.

Ele imagina sua arma favorita, a lâmina em forma de agulha que se prende ao pulso, e logo ela se materializa. Ele a aciona, a ponta mortal perfurando o tecido da camisa de força, e gira para apunhalar o coração do homem.

Mas o homem já se foi. O garoto solta um grunhido amargurado, desapontado com a perda daquela satisfação. Aproveita para esticar os braços.

Quando acordar, estará naquele mesmo lugar, só que seus braços ainda estarão presos. Ele não vê problema na cela acolchoada. É confortável, e não há ninguém por perto para incomodá-lo. Ele poderia ficar ali por um tempo. Pensar um pouco. Procurar se recompor.

Mas, quando estiver pronto, o garoto de um olho só vai se soltar.



É o início do inverno, e o rapaz atravessa um campo de futebol. A grama, marrom e quebradiça, estala sob os pés dele. À esquerda e à direita, as arquibancadas de metal estão vazias. O ar cheira a fogo, e uma rajada de vento sopra cinzas em seu rosto.

Ele olha para o placar à frente, no alto. As luzes alaranjadas piscam, como se a eletricidade estivesse falhando.

Atrás do placar, o garoto vê o colégio, ou pelo menos o que sobrou dele. O telhado desabou, atingido por um míssil. Todas as janelas estão quebradas. Há algumas carteiras destruídas mais à frente, arremessadas pela força que destruiu a escola, qualquer que tenha sido, os tampos plásticos encravados no chão como lápides.

Ele a vê no horizonte, pairando sobre a cidade. A nave de guerra. Um imenso escaravelho feito de metal cinza e frio à espreita.

O garoto sente apenas resignação. Tem algumas boas lembranças daquele lugar, daquela escola, daquela cidade. Foi palco de momentos felizes por um tempo, antes de tudo ir pelos ares. Já não se importa mais com o que acontecerá por ali.

Ele baixa os olhos e percebe que está segurando uma página arrancada de um anuário. A foto dela. Cabelo liso e louro, maçãs do rosto perfeitas, aqueles olhos azuis. Um sorriso que parece uma piada interna. Ele sente um nó no estômago ao se lembrar do que aconteceu.

— Não tem que ser assim.

O rapaz se vira ao ouvir a voz — melódica e tranquilizadora, não combina com aquele cenário devastado. Um homem caminha pelo campo em sua direção. Está vestido de maneira despretensiosa, suéter, blazer marrom, calça

cáqui e mocassins. Poderia ser um professor de matemática, não fosse o ar suntuoso em sua postura.

— Quem é você? — pergunta o garoto, alarmado.

O homem para a poucos metros de distância. Ele ergue as mãos, demonstrando que não quer problemas.

— É minha nave lá em cima — diz o homem, calmo.

O garoto cerra o punho. O homem não se parece com o monstro que ele viu de relance no México, mas ali, no sonho, sabe que a informação é verdadeira.

Então, ele corre. Quantas vezes correu naquele gramado em direção a um jogador do time adversário? A emoção de correr pela grama morta melhora o ânimo do garoto. Ele dá um soco no homem, com força, bem no queixo, e em seguida o acerta com o ombro.

O homem cai de costas no chão. O garoto está de pé junto a ele, o punho ainda fechado, a outra mão segurando a foto.

Ele não sabe o que fazer. Esperava uma luta mais intensa.

— Eu mereci — diz o homem, encarando o garoto com olhos cheios de lágrimas. — Sei o que aconteceu com sua amiga, e... sinto muito.

O garoto dá um passo para trás.

— Você... você a matou — dispara ele. — E agora diz que *sente muito*?

— Nunca foi minha intenção! — suplica o homem. — Não fui eu que a coloquei em perigo. Mas, mesmo assim, sinto muito que ela tenha se ferido.

— Ela está morta — sussurra o garoto. — Não está ferida. Está *morta*.

— O que você chama de morta e o que eu chamo de morta... são duas coisas muito diferentes.

A atenção do garoto foi capturada.

— Como assim?

— Toda essa maldade, toda essa dor só acontece se continuarmos lutando. Não é meu estilo. Não é o que eu quero. Já parou para pensar no que eu quero? Que pode não ser tão ruim assim?

O homem não havia tentado se levantar. O garoto se sente no controle. Ele gosta disso. E então nota que a grama está mudando. Está voltando à

vida, o verde-esmeralda se espalhando a partir do homem. Na verdade, o garoto tem a impressão de que até o sol está brilhando um pouco mais forte.

— Quero que nossa vida, a de todos nós, melhore. Quero que deixemos para trás esses mal-entendidos mesquinhos — diz o homem. — Acima de tudo, sou um erudito. Passei a vida estudando os milagres do universo. Com certeza você já conhece fatos sobre mim. Mentiras, principalmente, mas é verdade que estou vivo há séculos. O que é a morte para um homem como eu? Apenas um inconveniente temporário.

Sem perceber, o rapaz começou a esfregar o papel entre seus dedos em um gesto nervoso. O polegar roça o queixo da menina. O homem sorri e acena para a página do anuário.

— Por que... por que eu confiaria em você? — pergunta o garoto de luto.

— Se pararmos de lutar, se me escutar um pouco, você vai ver — responde ele, parecendo sincero. — Nós teremos paz. E você vai tê-la de volta.

— Tê-la de volta? — retruca o garoto, atordoado, a esperança crescendo em seu peito.

— Posso reanimá-la — diz o homem. — O mesmo poder que trouxe sua amiga Ella de volta à vida agora é meu. Não quero mais lutar, meu jovem amigo. Deixe-me trazê-la de volta. Deixe-me mostrar a todos que eu mudei.

O garoto olha para a foto em sua mão e percebe que ela mudou. Está se movendo. A garota loura esmurra a fotografia como se estivesse presa lá dentro. O garoto lê seus lábios. Ela está pedindo socorro.

O homem estende a mão. Ele quer que o garoto o ajude a se levantar.

— O que me diz? Vamos pôr um fim a isso juntos?

ELES

NOS CAÇARAM POR CAUSA DOS NOSSOS LEGADOS.

ELES

ESTÃO VINDO ATRÁS DE VOCÊ TAMBÉM.

ELES

SABEM QUE VOCÊ TEM PODERES.

ELES

TEMEM QUE UNIDOS NOS TORNEMOS MAIS FORTES.

NÓS

VAMOS PROVAR QUE ELES ESTÃO CERTOS EM TER MEDO.

NÓS

PODEMOS SALVAR ESTE PLANETA SE

NÓS

LUTAMOS UNIDOS COMO UM.

NÓS

PRECISAMOS DA SUA AJUDA.

ELES COMEÇARAM A GUERRA.
NÓS VAMOS ENCERRÁ-LA.

